

A África em movimento

O presente número da nossa revista é centrado em África, mais particularmente em Angola, conforme é referido no texto introdutório de Marzia Grassi, investigadora no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, a cuja preciosa colaboração devemos a organização desta edição. O texto de Keith Hart, que reproduz a sua conferência realizada em Lisboa, abre perspectivas interessantes sobre o (possível) desenvolvimento africano, visto (digamos) de *baixo para cima* e não de *cima para baixo*, como é frequente nas análises conformistas da globalização.

É hoje corrente a referência aos BRIC (Brasil, Rússia, Índia e China), categoria inventada e promovida pela Goldman Sachs, como colossos emergentes no mercado global. Na realidade, não têm muito de comum, e não parecem caminhar para idêntico destino, mas oferecem sugestivas questões à nossa curiosidade, como por exemplo estas: *para quando um «BRIC» na África? Será Angola um sério candidato ao ingresso nesse clube de eleitos?*

A questão remete para muitas outras: a abundância de recursos naturais garante crescimento e desenvolvimento humano? Pelo menos, se não garante, favorece tais propósitos?

Parece que a simples comparação, no contexto africano, dos desempenhos de Cabo Verde e de Angola, sugere a resposta. O país muito menos dotado em recursos naturais tem conseguido indicadores de «desenvolvimento humano» muito superiores, enquanto o mais dotado nesses recursos pode atingir taxas impressionantes de «crescimento económico» na aceção corrente dos economistas. Embora permaneça na cauda da ordenação dos países em termos de desenvolvimento humano, na classificação da ONU.

Os textos incluídos neste número de EGG sugerem que a globalização africana passa por diversos caminhos, formais e informais, que só garantem «movimento», mas não apontam destinos únicos ou indiscutíveis.



MÁRIO MURTEIRA

DIRECTOR

mism@iscte.pt

www.mariomurteira.com

P.S. – A segunda parte do artigo de Ricardo de Gouvêa Pinto cuja publicação se iniciou no anterior número de EGG constará na próxima edição desta revista.

Africa in movement

Africa, more specifically Angola, is the focus of this issue of our review. This is explained in the introductory text by Marzia Grassi, researcher at the Instituto de Ciências Sociais of Universidade de Lisboa, and to whom we are grateful for organising this edition. The paper by Keith Hart, which reproduces the conference he gave in Lisbon, opens interesting perspectives on (possible) African development from (we would say) the *bottom up* perspective and not *top down* as is usual in conformist analyses of globalization.

It is common nowadays to refer to BRIC (Brazil, Russia, India and China) – a category invented and promoted by Goldman Sachs - as the emerging giants in the global market. In fact, while they have little in common and do not seem to be following the same path, they do provide suggestive questions that trigger our curiosity like for example: *when will we have a «BRIC» in Africa? Could Angola be a real candidate to enter this elite club?*

These questions raise many others: are abundant natural resources the guarantee for growth and human development? Even if they are not a guarantee, do they at least further those aims?

In the African context, it seems that the simple comparison of the performance of Cape Verde and Angola suggests the answer. While the country with more resources can reach extraordinary rates of «economic growth» in the current understanding of economists, the country with fewer natural resources has achieved much higher levels of human development. Even though Angola is still at the tail end of the UN's ranking of countries' human development.

The articles included in this issue of EGG suggest that African globalization involves a number of different paths, both formal and informal, that only ensure «movement» but do not indicate single or indisputable destinations.



MÁRIO MURTEIRA

DIRECTOR

mlsm@iscte.pt

www.mariomurteira.com